BINGEMER, Maria Clara. **Teologia Latino-Americana. Raízes e Ramos.** Tradução do original inglês de 2016 por Suzana Regina Moreira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Petrópolis: Vozes, 2017, 136 p., 135 x 21mm – ISBN 9788532654892

*Eliseu Wisniewski\**

Maria Clara Bingemer é professora titular do Departamento de Teologia da PUC-RJ e coordenadora da Cátedra Carlo Maria Martini da mesma universidade. Seus interesses de pesquisa nos últimos anos têm sido a questão de Deus, a mística contemporânea e a categoria de testemunho na teologia latino-americana. Também tem trabalhado com bastante intensidade na interface entre teologia e literatura.

A obra, *Teologia Latino-americana. Raízes e ramos tem* sua origem nas Conferências Duffy, proferidas pela autora no *Boston College*, a convite de Catherine Cornille, diretora do Departamento de Teologia. É de autoria de Catherine Cornille o prefácio, no qual tendo em consideração a valorização e a celebração da particularidade de culturas diferentes e igrejas locais, dá a conhecer a origem e justifica a razão de ser da Cátedra Duffy sobre o cristianismo global. A Cátedra Duffy é uma homenagem ao Pe. Stephen J. Duffy (1931-2007), que lecionou Teologia Sistemática na Loyola Univesity, e Nova Orleans, de 1971 a 2007, e que era profundamente engajado nas questões de diversidade religiosas e cultural, e disposto a abordar essas questões de maneira criativa e construtiva. Dentre as atividades desenvolvidas pela cátedra, a cada ano traz um teólogo de um continente diferente para apresentar uma série de palestras sobre os desafios e *insights* teológicos que surgem de seu contexto particular. O objetivo destas palestras não é só informar professores e alunos dos modos como a teologia é realizada em partes específicas do mundo, mas também levantar novas perguntas e oferecer novos *insights* que possam enriquecer a reflexão lógico-teológica na América do Norte e além.

Na Introdução, intitulada *De intellectus fidei a intellectus amoris,* a autora apresenta sua trajetória como teóloga e seu interesse pela temática. Ela viveu e estudou Teologia logo após a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965) e pode testemunhar em primeira mão o desenvolvimento da Teologia latino-americana no Brasil e no continente e assim pode refletir profundamente sobre seu desenvolvimento. Começa perguntando-se porque mais um livro de teologia latino-americana e argumenta mostrando que o cenário eclesial mudou muito desde que Francisco se tornou papa. O papa latino-americano voltou novamente os olhos do mundo para a Igreja e para a teologia deste continente. Salienta que a reflexão contida no livro e publicada originalmente em inglês tem por objetivo ajudar a estabelecer uma cidadania sólida para a teologia latino-americana entre os acadêmicos da América do Norte. Sua tradução para o Brasil é uma oportunidade de uma nova reflexão sobre todo o processo que essa teologia viveu e suportou. Assim sendo, o texto composto de cinco capítulos resgata a história e trabalha conteúdos que surgiram das bases.

No primeiro capítulo, a primeira parte, revisita o processo que o continente viveu desde o período colonial até a metade de século XX, em particular a recepção do Concílio Vaticano II e a realização das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. Descrita por Colombo de “novo mundo”, e chamada de América por um cartógrafo que erroneamente creditou a descoberta a Américo Vespúcio, os olhos da antiga Europa passaram a olhar para o sul do mundo como uma nova terra, desconhecida, de aventura e esperança, onde nova vida poderia ser construída. Desde a chegada dos europeus na América no século XVI, a pluralidade e a diversidade foram desafios a serem enfrentados e, até hoje, questões teológicas e pastorais que surgiram naquele tempo continuam pesando sobre a consciência e desenvolvimento do cristianismo na América Latina. Questões como: a ligação entre fé e política, a ligação entre fé e economia, a associação entre a violência física e simbólica, a aceitação de formas extremas de exploração de mão de obra, o abuso de mulheres, a consolidação da concepção de evangelização como dominação, determinaram o fazer teológico na América Latina, particularmente na América do Sul. Não é somente uma questão de reflexão abstrata sobre a revelação e a fé, desconectada do contexto em que a Palavra de Deus é ouvida e respondida. É uma reflexão sobre a revelação e a fé, avançando na história de modo inseparável das considerações do contexto social, político e prático. É uma teologia enraizada na realidade, e por essa razão desde o princípio, a questão da justiça e da injustiça foi inseparável do anúncio do Evangelho e da prática da fé cristã na América Latina. A América Latina sofreu um processo de evangelização nem sempre coerente com as fontes da fé cristã. Evangelização, injustiças, imposição e negação das culturas nativas caminharam juntas. Por essa razão pensamos a América Latina como realidade cultural, geopolítica e econômica.

Após a Segunda Guerra Mundial, especialmente no Hemisfério Norte e em organizações internacionais como as Nações Unidas, os temas de direitos humanos, promoção humana e pobreza emergiram enfaticamente, o Terceiro Mundo começou a emergir simultaneamente como um problema e como um novo agente na cena internacional, e diante dessa nova realidade, a questão de como a Igreja deveria estar presente em tais lugares e evangelizar o povo se torna controversa. Graças às palavras do papa João XXIII no discurso de abertura do Concílio Vaticano II: “Onde se trata dos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta como ela é. Ela deseja ser a Igreja de todos, e de modo especial dos pobres”, a recepção do Concílio na América Latina levou a uma crítica estruturada da evangelização conduzida pela e para as elites. Desta forma, a Teologia da Libertação, como nova abordagem estrutural à teologia como um todo, partiu da questão do que significa ser cristão num continente de pessoas pobres e oprimidas, e desta forma a Igreja latino-americana deu um passo significativo fazendo a passagem de uma Igreja-reflexo para uma Igreja-fonte. Na América Latina a recepção do Vaticano II se deu por meio da Conferência de Medellín (1968) desembocando em: a) uma série de prioridades, unindo inseparavelmente a fé e a justiça; b) um novo modo de fazer teologia baseada na metodologia do ver-julgar-agir; c) um novo modelo de Igreja, começando com as comunidades locais nas bases e áreas pobres se reunindo em redor das escrituras e aprendendo a se expressar. As comunidades que daí surgiram, ficaram conhecidas como Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Estes aspectos ficaram confirmados na Conferência de Puebla (1979), incluindo: a) opção pelos pobres; b) uma Teologia da Libertação, c) as CEBs como um novo modo de ser Igreja.

Na segunda parte deste capítulo são apresentadas as dificuldades que a teologia enfrentou durante os anos de 1980. A autora mostra que os anos de 1970 foram muito férteis e produtivos no desenvolvimento da teologia latino-americana, grande número de bispos e autoridades religiosas apoiaram a opção pelos pobres, institutos e faculdades de teologia tinham professores que se inspiravam na Teologia da Libertação e ensinavam seus conteúdos, as CEBs se espalharam por todo o continente, etc. Em 1978, com a eleição do papa João Paulo II iniciou-se um período difícil para os teólogos da libertação, os quais ao fazerem uso do método ver-julgar–agir se basearam em categorias marxistas de análise social. O Vaticano temia que a mediação socioanalítica promovesse a luta de classes e adotasse o materialismo dialético marxista como uma perspectiva privilegiada para ler e interpretar a história. O desgosto do Vaticano com a Teologia da Libertação foi expresso em duas instruções: *Libertatis Nuntius* (1984) e *Libertatis Conscientia* (1986). Esse foi um período obscuro para a Teologia da Libertação com intervenções de Roma, como: teólogos reduzidos ao silêncio e proibidos de lecionar, ou permitidos com várias restrições; escolha de bispos conservadores para a igreja da América Latina; lideranças comprometidas com a luta social e política, com a crise mundial, em 1989, que culminou com a queda do Muro de Berlim e dos Estados socialistas na Europa Oriental, passaram por crises pessoais e deixaram a Igreja e seus compromissos religiosos; e, mais recentemente, o teólogo Frei Clodovis Boff, que foi um dos mais fortes apologistas da Teologia da Libertação, em 2007 e 2008, em artigos publicados na Revista Eclesiástica Brasileira (REB), posicionou-se criticamente contra ela.

Concluindo, nesse capítulo a autora questiona se diante de tudo isso é possível dizer que a Teologia da Libertação está morta. Mostra que, com o distanciamento histórico, se avalia o momento de crise vivido pela Teologia da Libertação como algo positivo, pois forçou os teólogos da libertação a expandir seus horizontes e a perceber que o processo de libertação não é só dos seres humanos, mas também de toda a criação. Sustentabilidade ambiental e cuidado pela Terra se inseriram na agenda da libertação, assim como novos temas a respeito de questões mais abrangentes, como gênero, raça, etnia e diversidade religiosa. Hoje, essa inteligência do amor está mais rica do que nunca, pois ampliou seu espaço e reconheceu as pobrezas antropológicas para além do contexto socioeconômico e político.

O segundo capítulo traz como título *Os pobres como sujeito e método*. A autora mostra inicialmente como o tema dos pobres foi entendido nas Conferências do Episcopado Latino-Americano. Buscando aplicar os ensinamentos do Vaticano II em um continente marcado pela pobreza, em Medellín (1968) surgiu explicitamente à opção pelos pobres. Esta opção buscava direcionar o sujeito e o conteúdo da evangelização. Em 1979, a Conferência de Puebla define mais sólida e consistentemente a opção dos pobres; no ano de 1992, em Santo Domingo, tendo-se em conta o “inverno eclesial” pelo qual a Igreja passava, os ares proféticos que sopraram sobre Medellín e Puebla pareciam fracos e distantes. Em 2007, na Quinta Conferência do CELAM, em Aparecida, a Igreja voltou sua atenção à importância central da opção pelos pobres: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica”. Sob o pontificado de papa Francisco em sua exortação apostólica *Evangelli Gaudium* (2013) enfatiza-se ainda mais essa prioridade indiscutível.

Em seguida a autora busca esclarecer o que a Teologia da Libertação entende por pobres e por pobreza. Recorre a obra Teologia da Libertação (1971) de Gustavo Gutiérrez e de Jon Sobrino (2008). Nestas obras, os pobres são, concretamente, aqueles seres humanos para os quais o fato fundamental de viver é um fardo pesado e uma luta constante em meio a total insegurança a condições precárias, até mesmo a respeito de questões básicas. Por isso, a pobreza material é um mal a ser combatido e contra o qual se deve lutar, não a vendo como resultado da sorte ou da preguiça, mas fruto de injustiças estruturais que privilegiam a uns e marginalizam a outros e, devido a isto se entende que a pobreza é uma realidade complexa, não limitada a suas dimensões econômicas. Os pobres o são antes de tudo socioeconomicamente. Junto a essa pobreza socioeconômica concreta há também uma pobreza sociocultural. Esse elemento foi muito enfatizado pela teologia do povo, uma teologia com a qual o papa Francisco, estava muito conectado.

A autora salienta, que mesmo havendo se tornado mais visível e sistematicamente organizada no século XX após o Vaticano II, a opção pelos pobres não é uma invenção recente; era um dos princípios básicos da Doutrina Social Católica e os Padres da Igreja (Basílio Magno, São Gregório de Nissa, Santo Ambrósio) já haviam expressado a importância central dos pobres nos primeiros quatro séculos do Cristianismo.

João XXIII, ao convocar o Concílio, falou que um de seus objetivos era que a Igreja recuperasse sua verdadeira identidade como Igreja dos pobres, e diante disso, muitos padres conciliares e seus assessores teológicos se sentiram motivados por esse tema desde os que viam essa questão como questão pastoral até os que viam a questão dos pobres como questão estrutural. O Cardeal Lercaro de Bolonha teve papel importante neste ponto. Em 6 de dezembro de 1962, antes da sessão geral, pronunciou um discurso intitulado “Igreja e pobreza”. Suas palavras deram frutos. Aproximando-se o encerramento do Concílio no dia 16 de novembro de 1965, quarenta bispos se encontram à noite nas catacumbas de Domitilla, onde celebraram e assinaram um documento que expressava seu compromisso pessoal como bispos aos ideais do Concílio, sob o título: “O Pacto das Catacumbas”. Esse documento demonstra o espírito de uma Igreja pobre e para os pobres e teve uma forte influência sobre a Teologia da Libertação, que veio a florir nos anos seguintes.

A autora conclui este capítulo dizendo que a opção pelos pobres foi concebida com dois sentidos: a) uma solidariedade concreta com os pobres, que move o indivíduo a assumir suas perspectivas, seus interesses, suas dores e seus desejos, b) uma determinação para criar condições que permitam aos pobres emergir como sujeitos sociais, como agentes evangelizadores de toda a Igreja, responsáveis pelas transformações necessárias para estabelecer a justiça e uma nova sociedade. Diante disso é possível optar pelos pobres com uma conversão de interesses, trocando a posição social do indivíduo com a deles ou através da encarnação. A opção pelos pobres é a opção pela justiça, esforçando-se para descobrir as causas da pobreza e os meios para combatê-las. Optar pelos pobres não é uma ideologia, uma teoria, ou resultado de análise social. Ela é uma questão teocêntrica e teológica.

No terceiro capítulo- *Gênero e direitos humanos na América Latina* – olha-se especificamente para as mulheres. Elas são um tema importante na Igreja e na teologia latino-americanas, e é impossível fazer teologia hoje sem tomar em conta a sua realidade e sua contribuição. A autora começa dizendo que a emancipação da mulher no Ocidente cristão e na América Latina veio através de um processo de secularização através de lutas concretas e mundanas. Com isso as mulheres ganharam o espaço público, como agentes políticas e econômicas nas estruturas sociais de mudança e na produção econômica e cultural.

A teologia produzida por mulheres na América Latina originou-se na América Latina em 1968 quando a Conferência dos Bispos Latino-americanos se reuniu em Medellín. As teólogas latino-americanas viram a possibilidade de inaugurar uma teologia da qual elas poderiam participar como produtora e não somente como consumidoras. Assim, durante a década de 1970, as mulheres latino-americanas começaram a explorar a teologia nas suas igrejas a partir do ponto de vista de sua interdependência com os pobres e de sua opção por eles. Partindo de seus desejos e sonhos, o *status* de teólogas começou a se concretizar. Além de sua presença no ministério das bases, as mulheres gradativamente desenvolveram espaço para seu trabalho em universidades e institutos de teologia, obtendo diplomas acadêmicos e reconhecimento, presença e visibilidade.

O resultado desse processo foi o desejo de repensar o escopo dos principais temas teológicos a partir da perspectiva feminista o que Ivone Gebara chamou de “feminização dos conceitos teológicos”. As mulheres buscavam uma teologia com alma, configuração feminina e perspectiva feminina capaz de ressaltar a importância de redescobrir as dimensões femininas de Deus, produzindo-se muitas teses de doutorado, dissertações acadêmicas e na área da teologia sistemática muito se refletiu a este respeito.

A autora mostra que a teologia feminista latino-americana, enfrentou na metade dos anos 1990 desafios que a forçaram a rever algumas pressuposições e por isso precisaram repensar os temas de identidade feminina, antropologia, cosmologia e teologia que historicamente haviam sido dominados pelo discurso patriarcal. A intenção da teologia feminista era trazer à frente questões fundamentais que desafiam a própria estrutura do pensamento teológico como foi desenvolvido até o presente, introduzindo novos métodos de abordar a Bíblia, a revelação e do dogma. Foi assim que também a teologia ecofeminista se desenvolveu em nível continental e a abertura e a atenção a esse novo campo interdisciplinar as reflexão capacitaram a teologia latino-americana a dialogar com todas as áreas dos estudos ambientais: filosofia, ciências sociais, direito ambiental, etc.

Acrescenta ainda, a autora que as reflexões teológicas sobre o corpo sexualizado da mulher e as questões de gênero sempre foram temas importantes no trabalho teológico da América Latina, pois o corpo feminino se torna um ponto de entrada importante para a reflexão da mulher sobre espiritualidade, misticismo e teologia, apesar do fato de que esse corpo foi, em várias ocasiões, uma fonte de descriminação e sofrimento. Contudo, é um campo que tem muito a percorrer, avançando com fiel criatividade e ousadia. Diante disso a teologia feminista latino-americana na busca de seu empoderamento toca na questão dos ministérios para as mulheres, mais especificamente ao ministério ordenado a que as mulheres não têm acesso. O novo paradigma eclesial, que substitui a Igreja no dualismo clero/laicato por uma comunidade constantemente renovada e com novas dimensões de carismas e ministérios frutos do Espírito, irá permitir às mulheres contemporâneas encontrar um espaço para realizar serviço efetivo e maior para o povo de Deus.

O quarto capítulo - *Os pobres e a Terra -* analisa o pensamento teológico latino-americano sobre a ecologia no pensamento de Leonardo Boff e Ivone Gebara. As preocupações e as lutas ecológicas passaram a ser vistas como inseparáveis dos temas econômicos e antropológicos. Ecologia, sustentabilidade e a preocupação pela vida do planeta foram, então, incluídos na agenda da Teologia da Libertação.

Diante disso, o pensador Leonardo Boff tem desenvolvido continuamente uma reflexão sobre a ecologia social e o cuidado da Terra, e em seus escritos tem convocado a humanidade a ter uma visão mais crítica e racional sobre a situação atual do planeta. Devemos agir eticamente em todas as nossas relações, incluído a relação com o planeta, a natureza e o outro, devemos aprender a cuidar do outro, a usar a natureza de forma sustentável, tomando somente que for necessário, sem abusar dela, garantindo, assim, um futuro para as próximas gerações.

Ivone Gebara é uma das maiores representantes do ecofeminismo latino-americano. O ecofeminismo é uma teoria que busca um fim a toda opressão, e correlaciona às diversas formas de dominação de acordo com raça, gênero, classe social, natureza ou o “outro”, seja mulher, criança, idoso ou indígena. De acordo com o pensamento ecofeminista, a questão da ecologia está intimamente relacionado com a condição das mulheres, pois estas sempre tiveram grande interesse pelo cuidado à natureza, tentando prevenir o desmatamento, a acumulação de lixo tóxico e a poluição da água, entre outras coisas. Assim sendo, o ecofeminismo sustenta a ideia de que a luta ecológica está essencialmente ligada à libertação das mulheres. Gebara enfatiza que o destino da Terra e o destino da terra caminham juntos, tendo-se em conta que, todo clamor por justiça implica clamor por ecojustiça. Os oprimidos da teologia latino-americana hoje incluem não só seres humanos pobres, mas também a Terra espoliada, que torna a pobreza dos seres humanos ainda mais séria.

Este capítulo é concluído com o pensamento de papa Francisco na *Laudato si´*, vendo os pobres como mestres e protagonistas da ecologia, já que estando no meio da opressão, exemplificam e nos ensinam os princípios de resiliência, alegria, perdão e reconciliação.

O quinto capítulo – intitulado *Uma teologia em diálogo com outras tradições* reconhece que na América Latina, com suas fontes indígenas, europeias e africanas, a questão da diversidade religiosa é essencial. Fazer teologia é envolver-se em um diálogo cordial e respeitoso com religiões indígenas e africanas. Embora a Teologia da libertação não tenha se ocupado com o tema do pluralismo religioso, nem mesmo pelo ecumenismo no início, somente em meados da década de 1990, foram surgindo vários círculos de teologia pastoral e da libertação com maior preocupação com a enculturação da fé e da linguagem cristãs. Para garantir a sobrevivência de sua cultura, os povos oprimidos de descendência africana entraram em diálogo com a religião dos colonizadores, com as religiões indígenas e com a religião de outros povos. Eles forjaram uma síntese entre o cristianismo e os cultos e ritos de base africana, como o candomblé e os cultos afros. Ademais, a Teologia da Libertação se voltou para a religião popular através da inserção de comunidades religiosas no mundo dos pobres. O conceito de macroecumenismo cresceu cada vez mais forte, com uma nova consciência de um ecumenismo selado pela diversidade do povo de Deus, uma compreensão de que o povo de Deus consiste em muitos povos. Tudo isso carrega um duplo desafio: por um lado, está a importância de expandir as limitações regionais da Teologia da Libertação e sua abertura a outras religiões; por outro, está a importância de desafiar as teologias da religião a abraçarem a opção pelos empobrecidos e excluídos, levando a sério as questões de pobreza e opressão.

Na conclusão, *O futuro da teologia latino-americana* - a autora diz que a Igreja na América Latina tem um passado muito abençoado e muito luminoso: é uma Igreja que construiu algo novo na história cristã, contribuindo para a Igreja maior com a recepção e a interpretação talvez mais originais e valiosas do Vaticano II. Esse passado inclui um corpo fértil e abundante de produções teológicas que foi selado pelo testemunho de vários mártires e confessores. Por causa desta teologia, as vítimas da história não estão esquecidas e os pobres não estão excluídos da atenção teológica, estão presentes, inspirando e movendo os esforços teológicos atuais. Por essa razão, a teologia latino-americana deve persistir no uso do método que foi consagrado no desenvolvimento de sua reflexão teológica: ver-julgar-agir – este é o fundamento para que a teologia latino-americana preserve sua liberdade e mantenha seu *momentum*. Outro ponto importante a ser tratado com cuidado, quando se pensa sobre o futuro da teologia latino-americana, é a questão do conflito e da violência, tendo-se em conta que sua face mudou. Os agentes da violência frequentemente são traficantes de drogas dentro dos países e as gangues jovens e a América Latina é uma zona geográfica crucial para a produção e o tráfico de drogas. O desafio para a teologia latino-americana é perseverar, realizando as prioridades que se propôs nestes cinquenta anos, exigindo que resgatemos a memória e o testemunho daqueles que construíram essas prioridades e trabalharam por isso: homens e mulheres que se dedicaram a fazer possível um futuro diferente para o continente. Hoje, essa tarefa é nossa, e devemos apresentá-la às novas gerações como um desafio pelo qual vale a pena investir toda sua criatividade, imaginação e sacrifício.

Temos em mãos um livro que nos chega à boa hora. E por diversas razões. 50 anos do Vaticano II, 50 anos de Medellín, Papa Francisco e uma Igreja pobre e para os pobres. Certamente, a recepção mais criativa, fecunda e intensa do Concílio Vaticano II se deu na América Latina tanto do ponto e vista pastoral, quanto do ponto de vista teológico. Em 2018 celebramos os 50 anos da 2º Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada em Medellín. No tempo pós-conciliar, a Igreja latino-americana assumiu as intenções profundas do Vaticano II, pois era preciso que a Igreja de nosso continente se reorientasse, voltando-se para o meio dos pobres, que constituíram e ainda constituem a maioria absoluta do povo de Deus. Medellín abriu os olhos da Igreja para o submundo dos pobres e marginalizados. É ai que a Igreja deve estar. Esse processo iniciado em Medellín repercutiu enormemente no conjunto da Igreja. Não é por acaso que o Papa Francisco tem desafiado a Igreja a ser uma Igreja em saída para as periferias geográficas e existenciais. Periferias geográficas e existenciais tão bem compreendidas pela Teologia da Libertação. Enfim, o livro Teologia Latino-Americana – de Maria Clara Bingemer - coloca o leitor diante desta rica caminhada feita pela Igreja na América Latina e que serve de modelo/inspiração para a Igreja de todo o mundo. O livro é bem elaborado, didático e o modo peculiar de escrever da autora embeleza o livro, por isso recomendável para estudantes e professores de Teologia e para todos os que quiserem conhecer e aprofundar a riqueza deste modo próprio de fazer teologia.

***Eliseu Wisniewski*[[1]](#footnote-1)**

Rua Pedro Gawlak, 174

83704-560 Araucária, PR/BRASIL

E-mail: eliseu.vicentino@gmail.com

1. ¹ *Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.* [↑](#footnote-ref-1)